



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



O SERTÃO É SEM LUGAR: AS REPRESENTAÇÕES DA PALAVRA “SERTÃO”.

José Rosa Dos SANTOS JÚNIOR¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
juliteratta@gmail.com

Resumo: Esta comunicação objetiva dissertar acerca das representações do sertão na literatura contemporânea. Este trabalho contempla imagens, representações, estereótipos sobre o Nordeste, o Sertão, o Sertanejo, com suas etnias, culturas, psicologias, as quais têm sido ao longo dos tempos, gestadas e amplamente disseminadas por praticamente todos os gêneros discursivos e por todos os modos e formas de linguagem verbal e não verbal com claros propósitos ideológicos de construção dessa região do país como o Outro, aí contemplados os mais diversos e ambíguos sentidos de positividade e de negatividade. Dentre esses discursos, o literário tem ocupado lugar privilegiado no plasmar e disseminar tais imagens e representações e muitas vezes discurso esse, carregado de estereótipos. Objetivamos evidenciar como a literatura liga o Sertão de um lado, ao conceito de fertilidade da terra, de abundância vegetal, de mata, e por outro lado, o sentido de aridez, de despovoamento o que nos remete à acepção de deserto, e como esta linguagem (a literatura) não apenas apresenta o real, mas institui reais. Vale dizer que, tais linguagens têm ressonância em todo o social. Elas são máquinas de produção de sentido e de significados. Elas funcionam proliferando o real, ultrapassando sua naturalização. São produtoras de uma dada sensibilidade e instauradoras de uma forma de ver e dizer a realidade; máquinas históricas de saber.

Palavras – Chave: Sertão. Representações. Literatura.

Solo de mitos e cactos, de jagunços e santos, de roceiros e cantadores, vaqueiros e outros tantos tipos e tratos humanos, não raro o Sertão tem sido fonte de inspiração para narrativas as mais diversas, trágicas ou divertidas, dramáticas ou irônicas. O Sertão tem sido com força de exemplaridade, matriz de imagens- conceituais sobre as cores- Brasil e os limites do homem. (Rubens Alves Pereira, 2005)

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC- Ilhéus- BA), Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana. (UEFS-BA). Atualmente é Doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A novela das oito é mais uma vez sobre o “Nordeste”, pois lá estão presentes o coronel, muitos tiros e tocaias, o padre, a cidadezinha do interior e todos os personagens falam “nordestino”, uma língua formada por um sotaque postigo e acentuado e um conjunto de expressões pouco usuais, saídas do português arcaico, de uma determinada linguagem local ou de dicionários de expressões folclóricas, de preferência(...) a mídia tem o olho torto quando se trata de mostrar o “Nordeste”, pois eles só querem miséria. (Durval Muniz Albuquerque Jr, 1999)

Imagens, representações, estereótipos sobre o Nordeste, o Sertão, o Sertanejo, com suas etnias, culturas, psicologias, têm sido ao longo dos tempos, gestadas e amplamente disseminadas por praticamente todos os gêneros discursivos e por todos os modos e formas de linguagem verbal e não-verbal, com claros propósitos ideológicos de construção dessa região do país como o Outro, aí contemplados os mais diversos e ambíguos sentidos de positividade e de negatividade. Dentre esses discursos, o literário tem ocupado lugar privilegiado no plasmar e disseminar tais imagens e representações e muitas vezes, carregadas de estereótipos.

O discurso da estereotipia é um “discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras.” (ALBUQUERQUE JR: 1999 p.20). O estereótipo sempre nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades, singularidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.

Segundo CHIAPPINI (1997), a literatura regional é uma tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à “grande literatura”, confundindo-se frequentemente com a pedagogia, a etnologia e o folclore. Para a autora o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza necessariamente em uma determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional.

Trata-se, portanto, de negar uma visão ingênua da cópia ou reflexo fotográfico da região. Mas, ao mesmo tempo, de reconhecer que embora ficcional o espaço regional criado literariamente aponte, enquanto portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente. Vejamos o que nos diz José Aderaldo Castello (1997):

O regionalismo no plano artístico é uma sondagem na alma do povo, nas fontes do folclore, no que há de grande e vigoroso na alma popular – ao que acrescenta, chamando a atenção para a famigerada antinomia regionalismo/universalismo. Pra Eliot os maiores poetas, aqueles que têm uma importância internacional ou universal, são todos locais. [...] E Eliot conclui:

O fato é que um poeta, se ele não é um grande poeta no seu país, não será grande em parte nenhuma. (CASTELLO: 1997, p.110)

O essencial nessa literatura regional é que não se põe em xeque a unidade do país, o lastro comum de origem portuguesa, que aqui se amalgamou com as contribuições indígena e negra, e, mais tarde, com muitas outras influências estrangeiras: “o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional”. (COUTINHO: 1969, p.222)

Todo posicionamento regionalista, seja no campo artístico-cultural ou político-social, reflete uma consciência orgulhosa dos valores locais, e uma vontade de vê-los afirmados e reconhecidos no âmbito nacional. José Maurício Gomes de Almeida (1981) acredita que a arte regionalista *stricto sensu* seria aquela que buscaria enfatizar os elementos diferenciais que caracterizariam uma região em oposição às demais ou à totalidade nacional. Vejamos:

Baseando-se em George Stewart, Afrânio Coutinho define o regionalismo de duas maneiras. Em primeiro lugar, num sentido largo “toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo”. Num sentido mais estreito, para ser regional, “uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região senão também deve retirar sua substância real desse local.” Essa substância local decorre primeiramente do seu fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. -, como elementos que influem sobre a vida humana da região; e, em segundo lugar, é proveniente das “maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. (COUTINHO, 1969, p.220)

Desta maneira, a identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. “Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las”. (ALBUQUERQUE JR: 1999 p.27).

Ainda segundo Albuquerque Jr, nossos territórios existenciais são sempre imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. Por isso, a história se assemelha ao teatro, onde os atores, agentes da história, só podem criar à condição de se identificarem com figuras do passado, de representarem papéis, de vestirem máscaras, elaboradas permanentemente. O Nordeste, segundo Rubens Edson Alves Pereira, está intimamente relacionado às lutas e levantes que ocorreram principalmente no Sertão. Vejamos:

O Nordeste do sertão está assinalado, em grande parte da sua literatura pelas cruzadas cangaceiras e pelos levantes messiânicos que nascem da terra seca e se ramificam como gravetos e cipós da caatinga (...). Na sabedoria

pragmática de Fabiano (Graciliano Ramos, *Vidas Secas*), “temos que endurecer virar tatus”, para não sucumbir aos desafios de uma existência sobredeterminada por rasuras ambientais e governos predatórios. (...) Falaremos de Nordeste e literatura traduzindo-se mutuamente nas lutas e incelências, no sopro de canto e pedra, na força de sua imperiosa alteridade. (PEREIRA: 1997, p.28)

A partir desta citação, podemos afirmar que o Nordeste é pesquisado, ensinado, administrado e pronunciado de certos modos a não romper com o feixe imagético e discursivo que o sustenta, realimentando o poder das forças que o introduziu na cultura brasileira, na “consciência nacional” e na própria estrutura intelectual do país. O Nordeste como tal, passou a ser, assim, objeto de uma tradição acadêmica que o ajuda a se atualizar.

Sertão, sem dúvida, é uma palavra que traz a marca do controverso. Ela atravessa o atlântico nas caravelas portuguesas e desembarca no Brasil já em 1500. Significante recorrente nos relatos de quase todos os viajantes e cronistas que por aqui passaram, serviu, durante o processo colonizador, para designar o incerto, o desconhecido, o longínquo, o interior, como contraposição ao litoral, lugar da civilização.

Segundo Jerusa Pires Ferreira (2004), estabelecer etimologias é uma armadilha em que se pode cair com fascinação e a etimologia da palavra sertão parece se perder na nebulosa que esgarça e dissolve a configuração de possíveis limites físicos e conceituais, permanecendo tão indefinida a significação quanto ilimitado o conceito.

Em “*Vida e História da Palavra Sertão*” (1962), Gustavo Barroso começa por afirmar que “nenhuma palavra é mais ligada à história do Brasil e, sobretudo à do Nordeste do que esta palavra SERTÃO”. Diz este autor que a maioria dos dicionaristas definiu o vocábulo com significado de floresta ou mato longe da costa, embora alguns achem ao mesmo tempo em que é lugar inculto ou deserto, e conclui dizendo que “parece que o segredo da origem de Sertão está no Dicionário da Língua Bunda de Angola” (BARROSO: 1962 p.11) de onde se retira que o vocábulo africano “*mulcetão*” isto é, lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônima de ‘mato’, sentido corretamente usado na África Portuguesa, só depois se ampliando para mato longe da costa.

O sertão designa, de um modo geral, em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente escassa, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos. No caso do Nordeste, a palavra possui configuração semântico-sociológica ainda mais definida: “significa a zona rural, em geral, semi-árida do interior, sujeita às secas periódicas e caracterizada pelo predomínio da pecuária extensiva, em contraste com a faixa litorânea, dominada pelo cultivo da cana e pelo complexo cultural dela derivado.” (DINIZ e COELHO: 2005 p.419)

Observemos o que Jerusa Pires Ferreira afirma a respeito do assunto:

Encontrando uma comunicação de Joseph Piel a este respeito (PIEL: 1961 p.321), vemos que ele, ao discutir exatamente os aspectos mais estritamente etimológicos da questão, comenta as dificuldades fonéticas que envolvem o percurso do vocábulo sertão desde etimologias propostas. Diz-nos que o *Dicionário Etimológico* de Meyer Lubke averba a palavra sob o lema *desertanus*. Propõe então o autor que se remeta Sertão a *Sertanus*, derivado de *sertum*, participio passado de *sero*, *serui*, *sere*, que significa entrelaçar, entrançar. Remete ao substantivo *sertum* (plural sertã) que significa grinaldas, coroas, tranças. O significado primordial seria para Piel, *o que está entrelaçado*, alusão a uma vegetação contínua e esta forma admitiria a contaminação semântica com *sertus*, inserido, metido dentro. (PIRES: 2004, p.26)

Crê-se que o próprio IBGE não teria encontrado uma definição para o alcance daquilo que venha a ser Sertão. Curioso é acompanhar, em *Tristes Trópicos* o depoimento de Levy-Straus (1972, p.205): “É verdade que também traduzo sertão por selva: o termo mato tem uma conotação muito diferente. Mato refere-se a um caráter objetivo da paisagem: a selva, no seu contraste com a floresta; enquanto que sertão refere-se a um aspecto subjetivo”. Sertão designa, portanto, a selva, mas por oposição a terras habitadas e cultivadas.

Segundo SOARES (2003) em escritores portugueses dos séculos XV e XVI, é frequente encontrarem-se passagens, em que o sertão quer dizer lugares povoados, cheios de vegetação e de árvores densas, apesar de ocasionais e também freqüentes remissões à aridez, como adiante se observará. Câmara Cascuda (1962, p.698) diz que as tentativas de caracterizar o sertão têm sido mais convencionais do que reais e que sua fauna e flora existem noutras paragens do mundo que em nada se assemelham ao SERTÃO. Evidentemente que ele refere como eixo base Sertão ou os Sertões brasileiros.

O que se afirma, sem medo de equívocos, é que, no Brasil, este vocábulo desenvolveu significação de oposição a litoral e, em condições brasileiras, sertão estaria sempre em interior. No Nordeste, em circunstâncias que se conhece, dirigiu-se a significação para a preexistente conotação de aridez, documentada em parte nos textos antigos. Inospitalidade da natureza, povoado, ermo. “E correndo sempre para o mar, a água deixa na miséria a terra seca do sertão, e na angústia, a alma ressequida do homem do nordeste.” (CASTRO, 1965, p.27) Veja-se ainda este depoimento de mais amplo alcance em que se lê:

O Nordeste é este contraste vivo estampado nas duas paisagens: na paisagem acolhedora, envolvente da área da mata, com sua gradação de verdes... e na paisagem ríspida, *sêca do sertão*. *Com suas planícies descampadas, o seu solo pedregoso, o seu céu sempre sem nuvens e seu sol de fogo.* (CASTRO, 1965, p.27)

Historicamente, o sertão foi deixando de ser um lugar que expressava um todo não – marítimo, e passou a ocupar um lugar com fronteiras geográficas e perfil social definidos. Atualmente mais vinculado ao recorte “Polígonos das Secas”, que compreende a região Nordeste e o estado de Minas Gerais, ao qual associamos imagens como o “forró, o clientelismo político, a seca e a miséria”. (SOARES: 2003, p. 54). O Nordeste como região, e dentro dele a espacialidade sertão, que passam a ocupar uma posição no mapa geográfico e simbólico do Brasil, são representações culturais do século XX, conforme propõe Durval Albuquerque Júnior (1999).

“Terrenos desconhecidos”, “Oeste”, “Sertão”, “terrenos habitados por índios” foram denominações usadas para referir-se a um espaço. Esses termos não remetem a um recorte geográfico específico, não pretendem enunciar um lugar, mas sim suas características. “São representações enunciadas de fora, nomeações do outro, como forma de atribuir uma identidade e fixar uma memória.” (ARRUDA: 2000, p.24)

Para SPIX & MARTIUS (1916) o sertão brasileiro era uma região triste. A ausência de água e a possibilidade de falta de comida, o calor insuportável e opressivo, fora do comum, à vegetação da caatinga, que parecia estarecida pelo sopro da morte, colocam os autores em estado de assombro. O sertão passa a ser representado como um terrível deserto. “A própria região, uma floresta sem vida e arida, fitava-nos como uma miragem de aniquilamento gradual.” (SPIX & MARTIUS: 1916,p.24). Desse modo, falar de sertão significa, entre outras coisas, dialogar com os significados atribuídos à natureza na construção de identidades e memórias.

Em um contexto analítico, a categoria sertão - designada pela palavra que “está em toda parte”, conforme expressão célebre de Guimarães Rosa -, possui um enfoque nos elementos constitutivos de sua denotação. Assim, ao demarcar, enquanto categoria alegórica, um espaço-tempo definido, o sertão fica em exposição como detentor de traços legítimos das diversas expressões identitárias do território brasileiro.

Assim, de modo mais específico, a visão de um “sertão” deserto, longínquo e representativo do “nada imagético e simbólico”, ganha ênfase neste contexto enquanto o “interior”, o distante, o desabitado e o vasto e esquecido mundo-sertão, que se assenta na ampla literatura nacional.

Como o sertão, os sertanejos residentes nas palavras de si e dos “outros”, sobretudo, fazem-se materializados em recortes que a linguagem estrutura como compêndio de práticas situadas em patrimônios culturais, nos interiores do território- Brasil. Assim, o sertão, ao passo que se apresenta como “lugar de memória”, pode designar também o ambiente espaço-temporal a partir do qual, em alguns momentos, “apreendemos essencialmente nossas diferenças e a

imagem do que não somos mais” (AUGÉ, 2005, p. 53) ou, por vezes, daquilo que ainda somos.

Em muitas narrativas literárias que tomam o sertão como tomam o Sertão como inspiração, descrevem o sertanejo, como “perfeita tradução moral dos agentes físicos de sua terra. ” É inconstante como ela, é natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o adaptou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...” (CUNHA: 1985, p. 183-184).

Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, a antropomorfização da natureza, que, desde a primeira parte do livro, parece dotada de vontade e sentimento, e a associação natureza- sertanejo aparecem constantemente no texto euclidiano. A natureza é sempre uma aliada dos sertanejos, defendendo-os e amparando-os, e um inimigo dos soldados, que se apavoram diante do desconhecido. A natureza chega mesmo a participar da luta, como nos casos da caatinga que “armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro. Mas abrem-se em trilhas multivias, para o matuto que ali nasceu e cresceu.” (CUNHA: 1985 p.277)

A participação direta do meio físico nos combates é que possibilita, em certos momentos, que os sertanejos superem as forças regulares do exército, invertendo a esperada supremacia destes, que, embora mais possantes, se tornam a “fraqueza do governo”. Então:

A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória [...] A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu indomável. É um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos. (CUNHA: 1985, p.281)

Vejamos uma passagem do texto *É de sonho e de pó. Brasil, Nordeste – Travessias* (1997) de Rubens Alves Pereira que assim nos diz:

Henrique de Souza Filho, Henfil (1944 – 1988), foi um dos maiores caricaturistas do Brasil contemporâneo. Mineiro de nascimento e homem das grandes metrópoles (por opção ou por contrato profissional), Henfil declarou certa vez que o Nordeste é uma das últimas reservas humanas do planeta, para onde, de tempos em tempos, ele ia se reabastecer de humanidade. Por trás dessa inusitada charge planetária, acreditamos que Henfil buscava apontar, no imanente jogo de natureza e cultura, não a pobreza e as carências regionais, mas aspectos básicos da alma nordestina – simplicidade luta resistência, criatividade e força espiritual. Quem sabe ainda, o humorista buscasse no Nordeste aqueles seus “vestígios” de Lampião que, segundo Graciliano Ramos, todos temos – como uma reserva de dignidade e de força. (PEREIRA: 1997, p.35)

Para ARRUDA (2000), as representações sofrem como seria de se esperar, constantes mudanças que revelam o próprio processo de transformação histórica da sociedade. Por trás de

toda concepção espacial, arranjo e utilização da terra, mapeamentos e descrições de paisagem, valorização ou não de lugares, estão os valores culturais, o universo da cultura, da política e das ideologias. O termo “sertão” é uma representação cultural, uma leitura elaborada da realidade, constituída do real dos próprios lugares físicos e também, talvez principalmente, da memória de um processo de transformação da paisagem, envolvendo todos os conflitos ocorridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN Ed. Massananga; São Paulo, Cortez, 1999.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857 – 1945)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 2005.

BARROSO, Gustavo. **À Margem da História do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

CASTELLO, José Aderaldo. Regionalismo brasileiro. Uma derivada do nacionalismo do nacionalismo romântico. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes et alli.(orgs.) **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

CASTRO, Josué de. **Sete Palmas de Terra e um Caixão**. Ensaio sobre o nordeste área explosiva. São Paulo: Brasiliense, 1965.

CHIAPPINI, Ligia. Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes et alli.(orgs.) **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.v.3

DINIZ, Dilma Castelo Branco; COELHO, Haydée Ribeiro. Regionalismo. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. Um Longe Perto: Os segredos do sertão da terra. In: **Légua & Meia**: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v.3, nº 2, 2004, p. 25-39.

LEVY – STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Trad. Jorge Constante Pereira. Lisboa, 1972.

PEREIRA, Rubens Edson Alves. É de sonho e de pó. Brasil, Nordeste – Travessias. In: **Sitientibus**: Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana. N.17. Jul./Dez. 1997

PEREIRA, Rubens Edson Alves. O brusco sertão em branco e preto. In: **Revista outros sertões**. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Campus XXII. V.1, n.1. Salvador: UNEB, 2005.

SOARES, Valter Guimarães. (Es)quadros do sertão baiano: a viagem de Spix e Martius. In: **Cadernos de Literatura e Diversidade**. Feira de Santana, UEFS, v.2 n.4, 2003.

SPIX & MARTIUS. **Através da Bahia**. Trad. Manoel Pirajá da Silva e Paulo Wolf. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1916.